

Zélia desejava ser cantora

São Paulo — Não está inteiramente afastada a hipótese de o Brasil vir a fazer algum pagamento aos credores externos antes do final do ano, segundo afirmou na noite de quarta-feira a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, durante a gravação do programa *Jô Soares Onze e Meia*. “Tudo é possível”, declarou após o programa *Jô Soares Onze e Meia*, que foi ao ar ontem à noite. Durante a entrevista concedida nos estúdios da TVS, Zélia explicou que a pressão por parte dos credores da dívida externa brasileira é motivada pela necessidade das instituições financeiras internacionais fecharem seus balanços. “Os banqueiros só querem resolver isto, mas precisam entender que nós precisamos de um acordo compreensível.

Zélia, assim como Jô Soares, acredita que boa parte da dívida externa brasileira já foi paga. Lembrou que apenas em 1988 e 89 o Brasil remeteu para o exterior US\$ 35 bilhões. “É muito dinheiro” comentou numa entrevista amena, sem qualquer provocação por parte do humorista e entrevistador. Apenas a política salarial foi questionada de forma severa por Jô Soares. Para a ministra da Economia, as categorias profissionais organizadas, como as ligadas à indústria automobilística, obtiveram até ganhos reais após o Plano Collor. Sua preocupação se limita aos trabalhadores sem poder de barganha que, segundo reconhece, estão perdendo com a desindexação dos salários. “Podemos acertar no atacado, mas no varejo são que inevitáveis”, reconheceu.

Jô Soares perguntou se Mário Amato, presidente da Fiesp, tem razão em se queixar dos efeitos do Plano Collor. “Ele está empobrecendo”, bricou. A ministra não acredita, julgando com base nos chamados sinais aparentes de riqueza. Zélia mostrou estar convencida de que para o sucesso da políti-

ca de combate à inflação só falta a contribuição da classe empresarial.

Concordatas

O Plano Collor, segundo Zélia, não foi responsável pelos pedidos de concordatas de tantas empresas. Os reais motivos foram, para ela, os erros cometidos pelas diretorias das concordatárias. A Pullmann, segundo afirmou, sabe fazer bem o pão, mas aventurou-se em outros setores. A Cevekol, por sua vez, exagerou em suas aplicações não bolsa de valores. “São problemas que não tem nada a ver com o Plano Collor”.

Jô Soares não tocou em temas controvertidos. O envolvimento de Zélia com o ex-ministro Bernardo Cabral sequer foi mencionado. Para aquecer a entrevista, o humorista relembrou o período em que a ministra da Economia esteve filiada ao Partido Comunista. Zélia contou também que na infância queria ser cantora. Era fã dos Beatles, gostava de matemática e tinha planos para ser professora. Na abertura do programa de entrevistas, a produção do Jô Soares Onze e Meia apresentou uma montagem onde a ministra aparece na roupa da Super Girl.

Preparativos para receber personalidade tão ilustre nos estúdios da TVS por pouco não foram inteiramente frustrados pelo erro da produção, que colocou em camarins vizinhos a ministra e o chargista e músico Paulo Caruso. Sua banda “Avenida Brasil” iria apresentar sua última composição musical “Metida Provisória”, uma referência ao propalado romance entre Zélia e Bernardo Cabral. O motivo do constrangimento — o baneco estilizado com as feições da ministra, que Caruso levava no colo e seria coadjuvante na apresentação musical que foi ao ar no mesmo bloco que a entrevista de Zélia — acabou sendo escondido às pressas dentro de um grande saco de lixo. (A.E.)